



Pressupostos filosóficos da teoria da linguagem de Hjelmslev: a Filosofia Analítica de Frege e Wittgenstein*

Jonatan Henrique Pinho Bonfim**

Resumo: O presente artigo investiga os pressupostos filosóficos de quatro sentenças apresentadas por Hjelmslev ao final do seu “Ensaio de uma teoria dos morfemas” (1991). Inicialmente, situa-se o quadro referencial teórico do linguista dinamarquês em um paradigma específico. Em seguida, as sentenças de Hjelmslev são postas em diálogo com o pensamento de dois filósofos da linguagem: Frege e Wittgenstein. Por fim, aponta-se as influências filosóficas – diretas e indiretas – sobre Hjelmslev e vê-se que as conclusões finais realizadas pelo linguista, ao final do seu texto ensaístico, já estavam bem sedimentadas pela Filosofia Analítica da Linguagem.

Palavras-Chave: linguagem; pensamento; mundo; paradigma.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.172828>.

** Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: hique.bonfim@hotmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7243-4049> .

Introdução

No “Ensaio de uma teoria dos morfemas” (1938), Hjelmslev visa a aperfeiçoar as categorias morfemáticas e, para isso, mostra-se técnico e alinhado à metalinguagem de sua glossemática. Porém, de um ponto de vista epistemológico, a parte mais relevante não diz respeito ao desenvolvimento dessas mesmas categorias, mas às considerações filosóficas realizadas ao final do ensaio. O linguista dinamarquês apresenta, como ele mesmo diz, algumas das “consequências filosóficas” de sua teoria da linguagem. Podemos até dizer, somente a título de aparência, que são quatro sentenças curtas que se assemelham ao estilo aforístico de Wittgenstein no *Tractatus*. Quatro sentenças provocativas e, até mesmo, altivas para com toda a tradição filosófica, a saber:

- (1) Os fatos da linguagem nos conduziram aos fatos do pensamento;
- (2) A língua é a forma mediante a qual concebemos o mundo;
- (3) Não há teoria do conhecimento, objetiva e definitiva, sem o recurso aos fatos da língua;
- (4) Não há filosofia sem linguística.

Essas sentenças, se bem consideradas, provocam uma reviravolta axiomática em todo fazer filosófico. Elas, para além de sugerir, determinam que toda e qualquer atividade teórica da filosofia – seja ela referente à filosofia teórica ou à filosofia prática – deve passar por uma investigação dos limites e da estrutura da linguagem. Sendo assim, lugares de pertinência que na Filosofia tornaram-se autônomos como, por exemplo, a epistemologia – ou teoria do conhecimento, como alguns filósofos ainda preferem chamar – e até a própria ontologia, com sua análise dos entes e dos objetos, passariam a estar subordinadas à investigação da linguagem e de sua estrutura. Em síntese, o único meio adequado para se investigar as entidades do mundo e/ou as condições de possibilidade do conhecimento (ou as estruturas do pensamento) seria a análise da linguagem, entendida como etapa epistêmica necessária. Por meio dessas sentenças, Hjelmslev apresenta uma espécie de epistemologia linguística (ou imanentismo linguístico-epistêmico) que torna inescapável, para quem visa realizar qualquer reflexão teórico-filosófica ou mesmo científica, a investigação dos mecanismos imanentes dos conteúdos da linguagem. Com base nesse posicionamento, a linguagem tornar-se-ia o novo *a priori* para qualquer possibilidade de intelecção e de apreensão do mundo.

Diante desse curto cenário, aparentemente original, apresentado por Hjelmslev em quatro sentenças, temos como objetivo a investigação dos pressupostos teóricos destas últimas, salientando principalmente suas

influências epistemológicas. De forma ampla, a temática do artigo será estabelecida a partir de três problemáticas:

- Como linguagem e pensamento se relacionam com o mundo?
- De que maneira problemas epistemológicos estão vinculados, subordinados ou, até mesmo, dissolvidos pelos problemas de linguagem?
- De que forma os problemas filosóficos são determinados pela investigação da linguagem (ou de que forma os problemas filosóficos são solucionados via investigação da linguagem)?

Hjelmslev e o Neopositivismo lógico

Alguns autores influenciaram diretamente o linguista dinamarquês, como, por exemplo, o já conhecido Saussure, cuja noção de signo é fundamental para o desenvolvimento da noção de língua enquanto forma (articulada) e não substância (previamente dada), estabelecida por seu sistema interno de valores diferenciais. Porém, outros autores, talvez até mais citados por Hjelmslev do que por seus próprios comentadores, exerceram uma influência incontestada na formação da sua epistemologia linguística.

A chancela da noção de álgebra aplicada à linguagem tem, por exemplo, influências do Neopositivismo lógico. Composto por filósofos e por matemáticos, esse movimento ficou conhecido pela tentativa de propor um projeto de fundamentação das teorias filosóficas e científicas a partir de uma linguagem lógica, descartando todo e qualquer resquício de Metafísica em sua composição teórica. Carnap, a quem Hjelmslev chama de professor em alguns artigos, talvez seja um dos autores que mais tenham influenciado o linguista dinamarquês na composição dos pressupostos filosóficos de sua teoria da linguagem, principalmente com as obras *O fundamento lógico do mundo* (1928) e *A sintaxe lógica da linguagem* (1936). A ênfase de Hjelmslev de romper com a Metafísica ou com o que ele próprio chama de *Ding an sich* (coisa em si), presente em alguns artigos, como, por exemplo, em “Linguística Estrutural” (1991, p. 30), - é um sinal indubitável de sua filiação a algumas das ideias do Neopositivismo lógico, mesmo não pertencendo diretamente a esse grupo filosófico.

Há outras influências, não menos importantes, como o matemático Alfred Tarski com a operacionalização da noção de metalinguagem/linguagem-objeto, e o também matemático Hilbert, com sua meta-matemática, ideia que Hjelmslev dizia consistir em:

considerar o sistema de símbolos matemáticos como um sistema de figuras de expressão independentemente de seu conteúdo, e descrever suas regras de transformação tal como se descreveriam as regras de um jogo, independentemente de suas possíveis interpretações. Esta ideia foi adotada pelos lógicos poloneses em sua “metalógica”, e a seguir por Carnap numa teoria dos signos em que, em princípio, toda semiótica é considerada como um simples sistema de expressão no qual o conteúdo não intervém. (Hjelmslev, 2013, p. 116)

Hjelmslev discorda profundamente de uma posição teórica que não considere a interferência do plano do conteúdo na análise da expressão linguística – “o sonho dos lógicos” –, como bem assevera Greimas em *Sobre o sentido* (1975). Para a Linguística de base puramente estrutural, o signo linguístico apresenta duas faces, a do conteúdo e da expressão, podendo ambas serem submetidas a análise. Embora discorde desse movimento de “suspensão” do plano do conteúdo na análise linguística, Hjelmslev considera-se devedor desse pensamento lógico-filosófico, principalmente no que diz respeito aos pressupostos antimetafísicos desses autores e à crescente formalização da metalinguagem para a análise linguística. Nas palavras de Hjelmslev (1991 [1948], p. 42):

A abordagem estrutural da língua tem algumas relações íntimas com uma tendência científica surgida de maneira totalmente independente da linguística e que ainda não foi suficientemente notada pelos linguistas, a saber, a teoria da linguagem lógica, resultante a princípio de considerações matemáticas e formuladas sobretudo por Whitehead e Bertrand Russell e pela escola dos lógicos de Viena mormente pelo professor Carnap, da Universidade de Chicago.

Podemos até arriscar dizer que, se Saussure influenciou diretamente a concepção de língua trabalhada por Hjelmslev, principalmente com a tese do arbitrário do signo e de sua composição entre significado e significante (no caso de Hjelmslev, plano da expressão e plano do conteúdo para evitar todo tipo de psicologismo em sua teoria da linguagem), o positivismo lógico e o movimento meta-matemático influenciaram-no na idealização e na constituição de uma metalinguagem formalizada adequada para dar conta de descrever as línguas naturais.

Todavia, quase todos ou praticamente todos os autores e movimentos filosóficos citados acima se desenvolveram com base numa mesma fonte teórica,

a saber, a Filosofia Analítica da Linguagem de Frege e de Wittgenstein¹. Por isso, apontaremos a reviravolta linguística realizada pela Filosofia Analítica da linguagem, em especial algumas das teses de Frege e de Wittgenstein, como uma das responsáveis indiretas pelo paradigma linguístico enunciado por Hjelmslev.

Um percurso entre paradigmas filosóficos

Antes de apresentarmos de maneira geral algumas ideias dos filósofos analíticos supracitados, é preciso que façamos uma pequena digressão sobre o termo paradigma. O termo paradigma foi empregado de forma particular por Kuhn (2011 [1962])² para descrever as estruturas conceituais mais gerais da ciência de um determinado período. Aqui o utilizamos não em referência ao percurso da Ciência na História, mas sim ao percurso da Filosofia na História, entendendo que cada paradigma filosófico apresenta sua própria visão de mundo, seus próprios princípios-guia, suas próprias particularidades procedimentais entre teoria e experiência/fenômenos e sua própria semântica. Um paradigma apresenta-se como um sistema que mantém uma relação disjuntiva com outros paradigmas. Como consequência disso, não é possível operar com dois paradigmas ao mesmo tempo, pois a estrutura teórica e os fenômenos descritíveis não são os mesmos, ou seja, são incomensuráveis. Porém, é possível eles coexistirem como práticas operatórias por diferentes comunidades filosóficas e científicas.

Temos a Onto-metafísica como o primeiro paradigma historicamente estabelecido. O paradigma onto-metafísico pode ser caracterizado pelo que Aristóteles diz no livro *Γ* em sua *Metafísica*. Ele propõe que a filosofia deve ser uma ciência que:

considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. [...] Ora, dado que buscamos as causas e os princípios supremos, é evidente que estes devem ser causas e princípios de uma realidade que é por si. (Aristóteles, 2005, p. 133)

A caracterização do paradigma onto-metafísico se manifesta como a investigação do *ser em si*, (da essência ou da coisa-em-si) ou como Ontologia, como comumente é conhecida. Essa prática metafísica advinda da filosofia

¹ Embora Bertrand Russell seja bastante influente na composição do que chamamos de primeira fase da Filosofia Analítica, optamos por deixá-lo de lado neste artigo, visto que, nas já referidas sentenças de Hjelmslev, encontramos mais resquícios do pensamento de Frege e Wittgenstein do que possíveis influências do filósofo inglês.

² Já na segunda edição do seu *A estrutura das revoluções científicas*, publicada em 1969, Kuhn sugere, devido a várias críticas, a mudança do termo paradigma para matriz disciplinar. Porém, o termo já havia se popularizado, permanecendo, pois, no vocabulário dos epistemólogos e filósofos da ciência.

clássica ainda é presente como prática filosófica³ e, paradoxalmente, ainda se faz existente no vocabulário epistêmico de alguns modelos científicos.

Somente com a Filosofia Moderna, com o paradigma Idealista transcendental, houve uma mudança radical quanto ao foco das investigações. Ele instaurou, nas palavras de Tugendhat (2006), uma “revolução reflexiva” do pensamento e teve sua expressão potencializada com a filosofia da subjetividade de Kant. Nela, concebe-se que a investigação filosófica não deve prestar contas à tematização da *coisa-em-si* ou à essência das coisas, mas sim prestar contas à reflexão do limite sobre como os objetos podem ser acessíveis à consciência e sobre como esta é estruturada por meio de categorias – do entendimento e da sensibilidade – estabelecedoras das condições de possibilidade do conhecimento. Por isso, Kant entende que o conhecimento só “concerne a fenômenos, deixando ao contrário a coisa em si mesma de lado como relação para si, mas não conhecida por nós” (1999, p. 40). É justamente neste paradigma que a temática do conhecimento (ou teoria do conhecimento) tornou-se uma área autônoma, desvinculada da Ontologia⁴.

Essa mudança paradigmática proporcionou uma ruptura entre duas instâncias que, até então, eram inseparáveis, a saber, a ruptura entre as instâncias do ser e do pensar.

A distinção se dá no momento da transição do paradigma onto-metafísico para o paradigma Idealista transcendental. Passou-se a entender que o pensamento se constitui de representações sensíveis e não de uma captação conceitual de essências das coisas ou de leis universais. Instaurou-se um imanentismo epistêmico em que o Idealismo transcendental potencializou a separação dos domínios do ser e do pensar e fez do ser humano a instância doadora de sentido para o mundo. Não era mais viável uma investigação do pensamento humano como uma instância exigida para a expressão da inteligibilidade universal. O real não é racionalmente estruturado em sua universalidade, pois o pensamento agora encontra-se separado do ser. Segundo Oliveira (2014), esse movimento iniciado com Escoto e Ockham produziu um abismo epistêmico: de um lado as instâncias do pensar, da teoria, da linguagem, do sujeito; do outro lado, as instâncias do ser, da realidade, do mundo e do objeto. Não seria mais possível pensar o mundo *em si*, na sua essência, sendo agora tão somente possível pensá-lo por meio de uma simples atividade de representação ou re(a)presentação daquilo que nos vem em forma de fenômeno. Em outras

³ Sobre as atualizações e debates em torno de uma nova perspectiva ontológica, cf. Oliveira (2014).

⁴ Há quem defenda uma (co) fusão entre Epistemologia e Ontologia na atividade da Filosofia Clássica (cf. Trindade, 2012), embora, sob a perspectiva de Ian Hacking (1999) seja um anacronismo falar sobre Epistemologia no período da Filosofia clássica e medieval, na medida em que o conhecimento como objeto tornou-se autônomo somente com a Filosofia moderna.

palavras, não há mais a possibilidade de dar conta da *coisa-em-si* (*Ding an sich*) ou a realidade numenal que subjaz à realidade fenomenal, como assevera Kant.

Com a contemporaneidade, tem-se o advento da *reviravolta linguística*⁵ na Filosofia. Nela há uma mudança significativa na leitura da produção do conhecimento (a significação como processo) e do estado do conhecimento (aquilo que é significado). Isso, é claro, proporcionou também mudanças de leitura sobre os efeitos de sentido produzido em cada área. Pode-se dizer que essa *reviravolta* mudou o foco dos problemas, dissolveu alguns e criou outros. Tudo isso porque a linguagem tornou-se a via obrigatória para poder falar sobre toda e qualquer construção teórica na Filosofia, havendo mudança, inclusive, na própria metodologia filosófica. Com efeito, a pergunta pelo sentido linguístico de uma proposição teria prioridade sobre a pergunta acerca da verdade ou acerca da validade dos juízos sobre o mundo. E mais, qualquer determinação e estruturação do que chamamos de “realidade” (ou mundo) ou consciência teriam como fonte problemas ligados à linguagem.

É dentro dessa dinâmica entre paradigmas e do movimento cético entre essas instâncias do ser e do pensar que a semiótica hjelmsleviana constitui-se herdeira da Filosofia Analítica. Inclusive, se observarmos bem as sentenças (1) e (2), elas apresentam termos-chave que indicam essa filiação epistêmica à reviravolta linguística. No caso, elas se manifestam como recorte entre os macroconceitos: língua(gem), pensamento e mundo. Com relações de determinações distintas entre essas instâncias, Hjelmslev dá, é claro, destaque epistêmico à linguagem, imprimindo-lhe uma autonomia baseada numa linguística imanente que considera a língua por ela mesma. A autonomia da linguagem frente a esses macroconceitos faz com que esta não se torne uma instância determinada por outras instâncias, seja ela biológica, sociológica, histórica, fisiológica ou psicológica. Num nível mais abstrato, a linguagem não estaria subordinada às determinações do mundo e nem às categorias do entendimento, visto que ela própria determinaria as instâncias do ser e do pensar⁶.

⁵ O termo “reviravolta linguística” popularizou-se após uma coletânea de ensaios publicada por Richard Rorty intitulada de *The Linguistic Turn: Essays in Philosophical Method* (1992). Rorty diz ser o termo de autoria de um dos membros do Ciclo de Viena, Gustav Bergman, que migrou para os EUA em 1938. Foi assim cunhado em referência à abordagem peculiar realizada pelos membros do Ciclo de Viena e, posteriormente, pelos filósofos anglo-americanos. Todavia, a principal característica dessa expressão se deve à maneira peculiar de tratar os problemas filosóficos como problemas de linguagem.

⁶ É digno de nota que, muito antes de Benveniste apresentar seu ensaio “Categorias de pensamento e categorias de língua”, Hjelmslev já propunha que as categorias metafísicas de Aristóteles eram provenientes da estrutura da língua grega. Hjelmslev já postulava que “a lógica conceitual tem se sedimentado na linguagem (particularmente a lógica de Aristóteles que não teria tido jamais a forma que tem, se não tivesse sido pensada em grego)” (1971, p. 150, tradução nossa).

A análise lógico-semântica de Frege e o pensamento de Hjelmlev

O paradigma linguístico que dá autonomia à esfera da linguagem dá lugar reservado à análise lógico-semântica de Frege. Para o filósofo alemão, a análise da linguagem e das funções semânticas seria uma forma peculiar de introduzir os conceitos de pensamento, de conhecimento, de mundo, de objeto, de ficção etc. Essa análise se deve a duas teses fundamentais propostas já desde sua obra *Os fundamentos da aritmética* (1980 [1884]). A primeira tese é a identificação entre pensamento e sentido de uma frase. A segunda tese é a proposta de que certos objetos podem somente se dar por meio da linguagem. Frege distancia-se do paradigma moderno quando determina que os conceitos de objetivo e de subjetivo são aspectos do sentido de uma expressão em uma frase semanticamente determinada (com sentido e com valor de verdade), e não mais elementos provenientes da relação das faculdades mentais. E mais, a partir desse raciocínio, o significado, o valor de verdade e o “ser” independem dos estados subjetivos de um falante e da remissão à sensibilidade.

Segundo Braidão, Frege estabeleceria que:

o objetivo da análise filosófica seria a análise da estrutura do pensamento, mas exigia a distinção metódica do pensamento em relação à atividade psicológica do pensar. Para isso, ele propunha como um novo método de análise do pensamento, não mais a introspecção moderna, mas a análise da linguagem, na medida em que a estrutura de um determinado conteúdo seria obra da linguagem (2009, p. 72)

Na defesa de uma epistemologia objetiva da lógica, Frege propõe a análise do pensamento com base numa linguagem formal bem arregimentada e na proposta de que o conceito de pensamento está intimamente ligado ao desenvolvimento do conceito de sentido, em contraposição ao conceito de sentido entendido como ideia ou mera representação mental. Vejamos.

No ensaio *Sobre o sentido e referência* (2009 [1892]), Frege faz uma análise do conteúdo conceitual ou informativo, ao qual dá o nome de “sentido”, que, à sua maneira, pode ser entendido como *o modo de apresentação do objeto* (Frege, 2009 [1892], p. 131). Com base em um exemplo bastante conhecido na filosofia analítica, Frege sugere a problematização da referência do planeta Vênus. Enunciado em determinadas situações tanto como “estrela da manhã” quanto como “estrela da tarde”, tem-se um mesmo objeto sendo apresentado de duas maneiras distintas. Frege pretende demonstrar que a referência de um termo singular é o objeto que pode ser referenciado por sentidos distintos, como, por exemplo, “estrela da manhã” ou “estrela da tarde”. Dessa forma, teríamos dois modos de apresentação do planeta Vênus. Haveria, portanto, duas funções

semânticas dos nomes próprios: fazer referência a um objeto e exprimir um sentido. Em relação à função semântica dos enunciados (frases), tem-se o estabelecimento da referência e de um sentido (pensamento ou conteúdo proposicional). Em outras palavras, a referência cumpriria a função de objeto para nomes próprios e função de valor de verdade (ou valor semântico) para os enunciados. No caso do enunciado “a estrela da tarde é um corpo iluminado pelo sol” faz-se referência a um objeto que pode mudar inclusive de sentido como “a estrela da manhã é um corpo iluminado pelo sol”. A referência é a mesma, mas com sentidos diferentes. No caso do exemplo do planeta Vênus, tem-se dois pensamentos distintos captáveis, porém com a mesma referência. Nas palavras de Frege:

A referência de um nome próprio é o próprio objeto que por seu intermédio designamos; a ideia que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é subjetivo como a ideia, mas que também não é o próprio objeto. (2009, p.135)

Sua proposta possibilitou a diferenciação de quatro elementos na sua análise lógico-semântica:

- 1 – o sinal (expressão linguística, o nome, termo conceitual ou termo singular);
- 2 – o sentido ou modo de apresentação do objeto;
- 3 – a referência ou o próprio objeto enquanto tal;
- 4 – a ideia (ou representação [Vorstellung]).

Pelo que podemos ver, o sentido não é uma imagem mental subjetiva ou a simples ideia de um indivíduo. Pelo contrário, é objetivo, apreensível, exprimível e compartilhável por uma comunidade linguística. Por tais motivos, o sentido de um enunciado é o que Frege vai, posteriormente, na obra *Der Gedanke*, chamar de pensamento. Para o que nos interessa, o pensamento faz parte de um domínio que não é subjetivo, não está no mundo e não está nos objetos, porque ele é não palpável, não sensível, a despeito de poder ser captado e compartilhado numa comunicação por diferentes indivíduos. Isso nos leva a concluir que a noção de sentido está intrinsecamente ligada à linguagem, pois “o sentido do nome próprio é apreendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem” (Frege, 2009, p. 132). É, portanto, acessível por meio dos “fatos de linguagem”. A proposta de tese de entender o pensamento como o sentido de

um enunciado inclui, por conseguinte, Frege dentro do que é chamado de reviravolta linguística (*linguistic turn*).

Em contraposição à noção de pensamento, a ideia é de âmbito individual, uma representação subjetiva. Isso faz com que a análise do pensamento seja possível, na medida em que pode se dar mediante a investigação dos enunciados que o exprimem, no caso, por intermédio da linguagem. Numa sentença, o pensamento é emparelhado à linguagem, de maneira que não há pensamento que não seja mediado linguisticamente.

Dummett – como um dos maiores estudiosos da filosofia fregeana – também demarca bem essa originalidade de Frege (1996, p. 116), mostrando que ele:

foi o primeiro a dar o devido peso ao fato de que não podemos pensar o que não podemos expressar, se não para os outros, para nós mesmos. Qualquer intento de escrutinar nossos pensamentos, realizado a parte de sua expressão, terminará confundindo a experiência interna do pensamento ou os acompanhamentos mentais meramente contingentes do pensamento com os próprios pensamentos. [...] No entanto, é da essência do pensamento sua transmissibilidade, o fato que posso dar a entender de maneira exata o que estou pensando.⁷

Ora, já temos aqui uma das bases epistêmicas da influência das duas primeiras sentenças de Hjelmslev. Foi, primeiramente, Frege que fez essa revirada, portanto não é à toa que ele é considerado o pai da filosofia analítica da linguagem. Não que ele fosse o primeiro a trabalhar com o método analítico, visto que Aristóteles e Leibniz já o tinham feito, mas ele foi o primeiro a criar uma teoria do pensamento de viés puramente lógico-semântico. Para estabelecer essa análise, Frege criou uma metalinguagem que ele mesmo chamou de Conceitografia (*Begriffsschrift*): uma linguagem artificial capaz de eliminar ao máximo os problemas peculiares das línguas naturais como a polissemia, as metáforas etc. e fosse capaz de expressar de maneira objetiva as estruturas das sentenças. Na nota de número nove do seu livro *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*, Oliveira (2006, p. 60) ressalta que:

uma linguagem lógica artificial é necessária para Frege porque, de acordo com a convicção que exprime no *Begriffsschrift*, é tarefa da filosofia quebrar o domínio da palavra sobre o espírito humano na medida em que ela descobre os erros sobre as relações dos

⁷ [...] was the first to attach due weight to the fact that we cannot have a thought which we do not express, to ourselves if not to others. Any attempt to scrutinise our thoughts, taken apart from their expression, will therefore end in confusing the inner experience of thinking, or the merely contingent mental accompaniments of thinking, with the thoughts themselves. [...] It is of the essence of thought, however, that it is transferable, that I can convey to you exactly what I am thinking [...].

conceitos que inevitavelmente surgem por meio do uso da linguagem. No entanto, a linguagem natural permanece para ele um instrumento indispensável enquanto linguagem de exposição. Ela é a linguagem em que se fala sobre a linguagem artificial, que é uma linguagem de auxílio. Com essa distinção, ele antecipa a que vai ser depois elaborada por Tarski e Carnap entre linguagem de objeto e metalinguagem.

Podemos inferir que, embora a concepção de signo de Hjelmslev provenha de Saussure – o que é extremamente radical ainda hoje –, são visíveis as influências da filosofia fregeana, via neopositivismo lógico, sobre o pai da glossemática. Dos quatro elementos da análise lógico-semântica supracitados – o sinal; o sentido ou modo de apresentação do objeto; a referência ou o próprio objeto; e a ideia –, somente o sinal e o sentido são pertinentes para Hjelmslev, que abandona o conceito de referência e de ideia na análise linguística. Inclusive, o linguista dinamarquês deixa isso claro quando propõe que seu método é empiricamente adequado, na medida em que é uma análise imanente da linguagem e não se pronuncia “sobre a ‘natureza’ do objeto estudado” (1991, p. 30). Além disso, Hjelmslev pretende escapar da investigação das ideias quando descarta todo psicologismo da investigação linguística e, nesse sentido, é exemplar a adaptação da metalinguagem saussuriana – significado/significante – para a análise do plano da expressão e do plano do conteúdo.

Somente o sinal e o sentido são pertinentes para Hjelmslev, na medida em que essas esferas estiveram sujeitas a um processo de ruptura com a ideia de um sentido linguístico enquanto noção de coisa em si e das categorias do pensamento como preconizada por Frege. Assim, Hjelmslev se utiliza desse novo encaminhamento teórico para propor, então, que as esferas do pensamento e do mundo estejam submissas à análise da linguagem, como podemos ver nas proposições (1) e (2) de seu artigo.

A filosofia da linguagem de Wittgenstein e o pensamento de Hjelmslev

Falaremos agora das relações entre Hjelmslev e Wittgenstein. Wittgenstein foi o filósofo mais enigmático da filosofia analítica da linguagem. Sua importância se dá tanto pela obra *Tractatus logico-philosophicus* (2001 [1921]), quanto pela obra póstuma *Investigações Filosóficas* (1953). Discutiremos aqui somente o *Tractatus logico-philosophicus* – doravante abreviado por TLF –, porquanto influenciou diretamente na composição do Empirismo lógico ou Neopositivismo do Círculo de Viena e, como veremos, indiretamente a Hjelmslev.

Existem várias ideias que se destacam no TLF, dentre elas, a de constituir uma teoria capaz de explicitar a essência da linguagem e a de estabelecer uma conexão entre linguagem e mundo. Outras problemáticas também fazem parte do itinerário da obra, como, por exemplo, a pergunta pelo que faz um sinal físico significar algo; de que maneira um sinal é expressão de um pensamento; de que forma a metafísica, a ética, a estética e outros ramos da filosofia são um contrassenso etc. Tendo em vista todas essas questões, manteremos os pontos que se relacionam epistemologicamente às sentenças de Hjelmslev.

Uma das formas de explicar a conexão entre linguagem, pensamento e mundo no TLF está na proposta de apontar que nossas frases declarativas possam ser concebidas como figurações ou quadros do mundo. Para justificar isso, encontramos duas teorias dos enunciados no TLF: 1) a teoria do enunciado como figuração (imagem); 2) a teoria do enunciado como função de verdade. Para evitar digressões, apresentaremos essas teorias apenas em seus aspectos mais gerais. Além do mais, suas considerações ontológicas, que envolvem a investigação da estrutura do mundo, dos estados de coisas, dos objetos, do espaço lógico etc., embora importantíssimas para a compreensão do TLF, serão de alguma forma suspensas de explicação por nossa parte, já que não é esse o nosso objetivo.

Uma das teses de Wittgenstein é a de que o enunciado pode ser considerado uma imagem da realidade, uma representação do mundo. Num exemplo: em um acidente de trânsito entre carros, podemos representar tal fato por uma imagem que contenha:

- (i) os elementos que representam objetos do mundo⁸;
- (ii) a disposição ou organização dos elementos que representam o modo como eles estão dispostos no mundo;
- (iii) uma forma específica de representação (tridimensional, gráfica, em cores etc.).

De forma análoga, um enunciado representa um estado de coisas e é caracterizado por ter os seguintes elementos:

- (i) nomes que estão no lugar dos objetos;
- (ii) a configuração dos nomes, que representa a disposição dos objetos no mundo.

⁸ No *Tractatus* o mundo é estabelecido como “tudo o que é o caso” (aforismo 1) e consta como “a totalidade dos fatos, não das coisas” (aforismo 1.1).

Pela própria constituição da expressão, as diferenças entre uma figuração e um enunciado são grandes, porém ambas guardam semelhanças em aspectos bem abstratos. A principal delas é a forma lógica: entende-se que o enunciado tem em comum com a realidade representada somente a forma lógica, isto é, a forma como os elementos do enunciado estão em relação entre si reflete o modo como os objetos estão em relação a um estado de coisas. Essa noção segue a tese de que existe um isomorfismo entre a estrutura da linguagem e a estrutura do mundo. Esse raciocínio também leva a crer que se um conjunto de proposições de uma linguagem é verdadeiro, então existe um mundo de fatos ou objetos em relação aos quais esse conjunto é verdadeiro.

Com isso Wittgenstein endossa um tipo de noções da verdade, a saber, a verdade como correspondência. Essa perspectiva aponta que a verdade de qualquer proposição consiste na sua correspondência com a realidade ou de que uma proposição é verdadeira se e somente se representa um fato, se representa o que é o caso. Ora, a consequência desse raciocínio segundo o TLF é a de que, se analisarmos a estrutura lógica da linguagem, analisaremos, correlatamente, a estrutura lógica do mundo, já que tal correspondência só é possível quando ambos os polos têm algo em comum: a forma da afiguração. Citando-o: “ele [o enunciado] mostra como estão as coisas se é verdade, e diz que as coisas estão assim” (Wittgenstein, 2001, p. 169 [aforismo 4.022])⁹. Nesse caso, o enunciado mostra o seu sentido por meio das relações entre nomes e objetos, bem como mediante a sua forma lógica, que é isomórfica à realidade. Dessa maneira, podemos entender que as relações do mundo real não são relações objetais, mas relações de ordem lógica.

A linguagem também deve ser entendida como uma ordem lógica e a noção de verdade deve apontar para uma identidade estrutural entre esses dois tipos de relação. Há, portanto, uma correspondência entre a conexão dos elementos da figuração e a conexão dos objetos nos estados de coisas (Wittgenstein, 2001, p. 141 [aforismo 2.032]). Numa sentença elementar qualquer, por exemplo, S, há uma figuração da realidade e uma forma lógica, ou seja, há algo de comum entre o mundo e a sentença. Se dissermos S, podemos entender que ela não é uma figuração de um determinado estado de coisas. No caso das proposições verdadeiras e falsas, as primeiras evidenciam uma isomorfia, uma correspondência entre estruturas da linguagem e as estruturas do mundo. No caso, então, a sentença “é verdadeira se as coisas estão como, por meio dela, dizemos que estão” (Wittgenstein, 2001, p. 175 [aforismo 4.0621]).

É possível notar que a proposta de Wittgenstein é peculiar, pois constitui uma confluência entre uma ontologia e uma filosofia que se propõe “revirada”

⁹ Outros aforismos como o 2.161, 2.17, 2.2 também apontam para essa direção.

linguisticamente, tanto que em um de seus aforismos mais famosos – “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo” (Wittgenstein, 2001, p. 245 [aforismo 5.6]) – três termos de peso na tradição do pensamento ocidental (linguagem, significado e mundo) encontram-se num mesmo sintagma.

Abstraindo todas as diferenças de tratamento sobre a linguagem entre Wittgenstein e Hjelmslev – que são muitas, dado que o linguista dinamarquês elimina qualquer ontologismo de sua teoria da linguagem – há semelhanças óbvias, em um nível abstrato, entre as ideias dos dois teóricos da linguagem. Se compararmos as propostas do TLF mencionadas acima com a segunda sentença de Hjelmslev (“a língua é a forma mediante a qual concebemos o mundo”) é possível encontrar pontos de convergência, principalmente, é claro, entre as instâncias língua(gem) e mundo.

A noção “conceber o mundo” tem em Hjelmslev sua validade somente via linguagem e é por meio dela que estabelecemos as significações necessárias para que haja esse “acesso” ao mundo. Embora Wittgenstein proponha uma relação isomórfica entre linguagem e mundo em que ambas as esferas mantenham uma forma em comum (a forma lógica) – o que não é o caso na teoria da linguagem de Hjelmslev, já que ela é regida pelo princípio de imanência –, para o filósofo austríaco somente é possível acessar essa estrutura do mundo via escrutínio da lógica da linguagem. O ponto de semelhança aqui é o meio de acesso ou a via linguística como necessária para relacionar uma instância com outra instância.

Em relação à primeira sentença de Hjelmslev, que determina que “os fatos de linguagem nos conduzem aos fatos de pensamento”, Wittgenstein tem praticamente a mesma tese. O prefácio do TFL deixa evidente que esse é o principal objetivo da obra:

traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite [...]. O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o limite que estiver além do limite será simplesmente um contrassenso. (Wittgenstein, 2001, p. 131)

A proposta de estabelecer um “limite para o pensar” teria laços estreitos com a linguagem, ou melhor, os limites da inteligibilidade somente são definíveis por meio de uma acareação da linguagem. E mais, se a linguagem é a expressão do pensamento, então, sua obra giraria em torno também do estabelecimento dos limites da linguagem e do que pode ser dito.

Também no mesmo prefácio do TLF, encontramos algumas conexões epistêmicas com a sentença (3) de Hjelmslev. Para o linguista dinamarquês “a teoria do conhecimento objetiva e definitiva” deve estar subordinada às

investigações da linguagem. Já para Wittgenstein, a teoria do conhecimento não passa de psicologismo, ou, como ele mesmo diz em um dos seus aforismos: “a teoria do conhecimento é a filosofia da psicologia” (2001, p. 177 [aforismo 4.1121]). Se para o linguista dinamarquês a linguagem é uma via necessária para a investigação dos fatos de pensamento, para o filósofo austríaco ela é dispensável, já que a análise da linguagem é a via necessária tanto para resolver quanto para dissolver problemas. A semelhança entre ambos está na tentativa de superação desse domínio. No caso de Hjelmslev, há uma atenuação do papel da teoria do conhecimento em relação a atividade teórica. Para Wittgenstein, porém, a análise do pensamento seria um falso domínio de pertinência, um equívoco teórico. Há um recrudescimento para tentar expurgá-la de qualquer posição metateórica.

Por último, e não menos importante, discutamos as relações de dependência que podem ser estabelecidas entre filosofia e linguagem – no caso de Wittgenstein – e/ou filosofia e linguística – no caso de Hjelmslev, conforme proposto em sua sentença (4). No prefácio de TLF, Wittgenstein trata da prática mais comum e potente da Filosofia, a saber, a investigação da natureza do problema. Ele estaria apontando para a possibilidade de resolver ou anular a solução dos mesmos problemas filosóficos¹⁰. O estabelecimento da investigação correta da linguagem faz com que Wittgenstein afirme: “[...] não é de admirar que os problemas mais profundos *não* sejam propriamente problemas” (2001, p. 165 [aforismo 4.003]). A forma adequada de solucionar esses problemas seria por meio de questões que envolvem a linguagem, ou melhor, um método linguístico capaz de detectar problemas linguísticos comuns às questões fundamentais da Filosofia. Portanto, onde há problema filosófico, há um problema linguístico subjacente que pode ser solucionado com um “uso” correto da lógica da linguagem.

Consequentemente, Wittgenstein aponta que todas as soluções anteriores de todos os problemas filosóficos propostos pela tradição caminharam para um equívoco essencial pelo fato de não darem a devida importância à linguagem e, desse modo, caíram em contrassensos. Por isso, ele afirma, de forma até mesmo pretensiosa:

é minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas. E se não me engano quanto a isso, o valor deste trabalho consiste, em segundo lugar, em mostrar como importa pouco resolver esses problemas. (Wittgenstein, 2001, p. 131)

Ora, se para Hjelmslev “não há filosofia sem linguística”, para Wittgenstein “toda filosofia é ‘crítica da linguagem’” (2001, p. 165 [aforismo

¹⁰ Sobre a natureza desses problemas filosóficos segundo Wittgenstein (cf. Kuusela, 2008).

4.0031]). Ambos tomam rumos distintos acerca da forma adequada de se trabalhar com a linguagem. Se para um a linguagem é “a totalidade das proposições” (2001, p. 165 [aforismo 4.001]), para outro a linguagem consiste na relação entre expressão e conteúdo; a despeito disso, as noções se veem entrelaçadas por um paradigma em comum: a linguagem como primazia em qualquer atividade teórica realizada pela Filosofia.


Considerações finais

O imanentismo linguístico epistêmico de Hjelmslev tornou-o um dos linguistas mais radicais em relação ao paradigma linguístico instaurado na contemporaneidade. Sua vasta produção, a despeito de sua morte precoce, apresenta uma metalinguagem bastante peculiar que sai das cercanias da linguística e dialoga com o espírito de seu tempo. Hjelmslev sempre creditou a Saussure o pioneirismo de uma linguística puramente estrutural e imanente. Nunca escondeu sua admiração pelo salto teórico-metodológico do linguista suíço. Porém, as influências e os pressupostos filosóficos da teoria da linguagem de Hjelmslev encontram-se muitas vezes veladas em sua obra, talvez por conta do seu projeto “glossemático”. Tentamos investigar, de forma sucinta, essas influências filosóficas que vão desde a localização do pensamento hjelmsleviano dentro do paradigma da linguagem – a reviravolta linguística – até as influências de Frege e Wittgenstein na fundamentação teórica de macroconceitos como linguagem, pensamento e mundo. Vimos também que o Neopositivismo lógico proporcionou a indicação da “matematização” para com o trato das questões da linguagem, atribuindo-lhe um caráter mais científico. Todo esse cenário proporcionou um terreno de possibilidades teóricas frutíferas e a composição de uma “conceitografia” muito peculiar à sua obra. ●

Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Giovanni Reale. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BRAIDA, C. *Filosofia da Linguagem*. Florianópolis: FILOSOFIA/EAD/UFSC, 2009.
- DUMMETT, M. *Truth and other Enigmas*. Library of Congress, 1996.
- FREGE, G. Os fundamentos da Aritmética: uma investigação lógico-matemática sobre o conceito de número. In: SANTOS, L. H. dos. *Escritos coligidos*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1980. (Os Pensadores).
- FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 2009.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HACKING, I. *Por que a linguagem interessa à filosofia?* São Paulo: UNESP, 1999.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

- HJELMSLEV, L. *Ensaio Linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- HJELMSLEV, L. *El Lenguaje*. Madri: Gredos, 1971.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- KUUSELA, O. *The Struggle against Dogmatism: Wittgenstein and the Concept of Philosophy*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- OLIVEIRA, M. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2006.
- OLIVEIRA, M. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014.
- RORTY, R. *The Linguistic Turn: Essays in Philosophical Method*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- TRINDADE, J. *Para ler Platão: ontoepistemologia dos diálogos socráticos*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- TUGENDHAT, Ernst. *Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem*. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

 **Philosophical assumptions of Hjelmslev's theory of language:
the Analytical Philosophy of Frege and Wittgenstein**

 BONFIM, Jonatan Henrique Pinho

Abstract: The purpose of this article is to investigate the epistemological assumptions of four sentences expounded by Hjelmslev at the end of his “Essay on a theory of morphemes” (1991). To this end, initially, we will situate the theoretical framework of the Danish linguist in a specific paradigm. Subsequently, Hjelmslev's sentences will be put into dialogue with the thoughts of two philosophers of language: Frege and Wittgenstein. We will point out the philosophical influences - direct and indirect - on Hjelmslev and show that the final conclusions realized by the linguist, at the end of his essay text, are already well established by the Analytical Philosophy of Language.

Keywords: language; thought; world; paradigm.

Como citar este artigo

BONFIM, Jonatan Henrique Pinho. Pressupostos filosóficos da teoria da linguagem de Hjelmslev: a Filosofia Analítica de Frege e de Wittgenstein. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 16, número 3. Dossiê temático: “Semiótica e Epistemologia”. São Paulo, dezembro de 2020, p. 1-17. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

BONFIM, Jonatan Henrique Pinho. Pressupostos filosóficos da teoria da linguagem de Hjelmslev: a Filosofia Analítica de Frege e de Wittgenstein. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.3. Thematic issue: Semiotics and Epistemology. São Paulo, december 2020, p. 1-17. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Data de recebimento do artigo: 25/07/2020.

Data de aprovação do artigo: 25/09/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

